

PLANEJAMENTO, PLANO E PROJETO, CAMINHO DA AÇÃO EVANGELIZADORA

*Pe. Jair Carlesso**

Resumo: O artigo reflete a relação entre planejamento, plano e projeto da ação evangelizadora. Seria possível distinguir estes conceitos? O planejamento de uma ação está relacionado à natureza da ação. A Igreja, fundada por Jesus Cristo, tem uma identidade e uma missão a ser exercida numa realidade concreta. “Evangelizar constitui, de fato, a graça e a vocação própria da Igreja, a sua mais profunda identidade. Ela existe para evangelizar”. A partir de sua identidade e missão, procura-se distinguir os conceitos, ressaltando o planejamento como um processo contínuo, o plano como a efetivação do planejamento para um determinado tempo e lugar e o projeto como uma ação específica do plano.

Palavras-chave: Igreja. Realidade. Planejamento. Plano. Projeto. Ação evangelizadora.

O planejamento de uma ação está estreitamente relacionado à natureza da ação. Significa dizer que o planejamento não é uma ação neutra e que não existe uma única forma de planejar. O planejamento em cada instituição, de acordo com a sua natureza, tem suas estratégias e seus objetivos podem ser diferenciados. Desta forma, o planejamento da ação evangelizadora adquire características próprias, pois esta ação encontra-se fundamentada na prática e na proposta de Jesus, centradas no Reino de Deus, implicando, por isso, retomar a identidade e da missão da Igreja.

1 Identidade e missão da Igreja

O ponto de partida para tratar do planejamento da ação

* Professor da Itepa Faculdades nas disciplinas bíblicas do Antigo Testamento. Mestre em teologia bíblica pela Assunção de São Paulo. Padre da Diocese de Erechim.

evangelizadora é a necessidade de clareza a respeito da identidade e da missão da Igreja. Toda a organização pastoral depende da compreensão de Igreja que o agente de pastoral, seja ele bispo, padre, religioso/a ou leigo/a tem. Neste sentido, os modelos eclesiológicos incidem diretamente na ação evangelizadora.

1.1 A Igreja, sua identidade e missão

A Igreja tem seu fundamento em Jesus Cristo, o Filho de Deus, enviado para a vida do mundo. Deus enviou seu Filho ao mundo “para que o mundo seja salvo por ele” (Jo 3,17). Jesus é a presença de Deus que veio para salvar. A partir de sua morte e ressurreição, o anúncio que ele havia feito, toda sua prática relatada nos Evangelhos tornou-se missão dos Apóstolos. Ele mesmo os enviou dizendo: “Ide por todo o mundo, proclamai o Evangelho a toda a criatura” (Mc 16,15). “Dirigi-vos antes às ovelhas perdidas da casa de Israel. [...] proclamai que o Reino dos Céus está próximo. Curai os doentes, ressuscitai os mortos, purificai os leprosos, expulsai os demônios. De graça recebestes, de graça dai” (Mt 10,6-8). “Ide, pois, e fazei com que todos os povos se tornem meus discípulos” (Mt 28,19). “Recebereis uma força, a do Espírito Santo que descerá sobre vós, e sereis minhas testemunhas [...] até os confins da terra” (At 1,8). E Marcos diz que “eles saíram a pregar por toda a parte, agindo com eles o Senhor” (Mc 16,20). É nestas palavras de envio de Jesus que se encontram as origens, a identidade e a missão da Igreja.

A fé está na base da missão da Igreja, por isso se faz necessário “voltar às fontes”. As origens da Igreja estão no mistério de Cristo e, mais profundamente, no mistério da Trindade, em Deus que é Pai, Filho e Espírito Santo (Mt 28,19). É neste mistério que a Igreja encontra a força para a sua missão na história. Tanto mais a Igreja avança para o futuro quanto mais fielmente volta ao seu nascedouro. Por isso é importante

lembrar que a identidade primeira da Igreja é sua íntima relação e comunhão com Deus. Ela está no mundo para continuar a obra de Jesus, que veio para fazer a vontade de Deus: “Desci do céu, não para fazer a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou” (Jo 6,38). É nisto que se fundamenta a missionariedade da Igreja.

O evangelista Lucas deixou claro que a missão de Jesus era fundamentalmente evangelizar os pobres, libertar os oprimidos, proclamar a remissão aos presos, abrir os olhos dos cegos (Lc 4,18-19). Trata-se de uma missão profética e libertadora, tarefa da Igreja em todos os tempos, lugares e culturas. À luz deste texto, ser Igreja, hoje, é ser sinal profético e instrumento de libertação. Esta é sua causa. A fidelidade ao Evangelho nos faz ver que não é possível pensar outra coisa. Sua missão é anunciar e encarnar a proposta de Jesus em todas as realidades da vida do povo.

A partir da prática de Jesus, a missão da Igreja é semear sempre (Mc 4,1-9); é conduzir e apascentar o rebanho do Senhor (Jo 10,1-18; 21,15-17); é atender os caídos (Lc 10,29-37); é dar a vida, como Jesus, pela causa do Reino de Deus (Jo 18-19); é fazer a experiência do ressuscitado (Jo 20-21); é estar aberta ao sopro do Espírito Santo (At 2,1-13), que “faz novas todas as coisas” (Ap 21,5). Com essa missão, uma de suas necessidades é “sentar”, “calcular”, “ponderar” para poder desempenhar e concluir sua obra (Lc 14,28).

Diante do Evangelho, fundamento da fé, da vida cristã e da missão da Igreja (DV 18; VD 10), vemos que a razão de ser da Igreja é evangelizar. Evangelizar, por um lado, é dar continuidade àquilo que Jesus “começou a fazer e ensinar” (At 1,1). Por outro, evangelizar significa transformar, libertar, fazer acontecer o Reino de Deus, salvar. Por isso, assim se expressou Paulo VI: “[...] a tarefa de evangelizar todos os homens constitui a missão essencial da Igreja [...]. Evangelizar constitui, de fato, a

graça e a vocação própria da Igreja, a sua mais profunda identidade. Ela existe para evangelizar”¹.

A Igreja é, ao mesmo tempo, divina e humana. Sendo de origem divina, ela é mistério e está inteiramente voltada para o Reino de Deus. Por sua vez, ela é “fator cultural”, pois está inserida na história e carrega suas contingências. É na história que ela deve desempenhar sua missão. Agenor Brighenti explicita esta questão dizendo que a Igreja “é ‘carisma’, mas também ‘instituição’; ‘divina’, mas também ‘humana’; sacramento de um Reino que não é deste mundo, mas que existe para torná-lo cada vez mais presente ‘no mundo’; imbuída de uma missão escatológica, mas a ser forjada na precariedade da história; uma instituição que procede de Jesus, mas também da experiência pascal de seus discípulos, sob o dinamismo do Espírito de Pentecostes; enfim, a Igreja, para ser sempre a mesma Igreja de Jesus Cristo, precisa remeter-se continuamente às suas ‘fontes’ e ‘raízes’ e, sob o dinamismo do Espírito de Jesus, continuar ‘organizando-se’, fazendo-se ou constituindo-se, até à consumação da história – *ecclesia semper reformanda* (cf. UR 6)”².

1.2 A Igreja inserida na história

Assim se pronuncia o Evangelho de João: “E o Verbo se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1,14). Jesus é a Palavra viva de Deus pronunciada e inserida na história. Lucas diz que, “ao iniciar o ministério, Jesus tinha mais ou menos trinta anos” (Lc 3,23). Estava há trinta anos inserido na história de Nazaré da Galileia. Somente depois deste longo processo de inserção, convivência, experiência de vida, conhecimento das reais e profundas necessidades do povo, exerceu efetivamente seu

1 PAULO VI, *Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi*, n.14.

2 Agenor BRIGHENTI, *Modelos de pastoral e eclesiológicos*, em tono à renovação do Vaticano II, *Reb*, vol. 75, n. 298, p.282.

ministério.

Da mesma forma a Igreja, que recebeu de Jesus a missão de evangelizar, está no mundo, porém, sem ser do mundo. Ao dirigir-se aos discípulos, Jesus lhes disse: “Se fôsseis do mundo, o mundo amaria o que era seu. Mas, porque não sois do mundo e minha escolha vos separou do mundo, o mundo, por isso, vos odeia” (Jo 15,18-19). Por isso, a Igreja está no mundo como sinal profético. Sua missão evangelizadora é desempenhada na história, junto a pessoas humanas concretas que, para viver dignamente, precisam das condições básicas de vida, ou seja, de alimentação, saúde, trabalho, casa, educação, segurança, lazer, convivência e outros.

No início deste terceiro milênio, a Igreja encontra-se inserida num contexto marcado por características próprias, muitas delas nunca vistas antes na história. Por isso, para anunciar efetivamente o Evangelho, a Igreja “deve conhecer a realidade à sua volta e nela mergulhar com o olhar da fé, em atitude de discernimento”³. Para a CNBB, a ação evangelizadora “exige muita atenção à situação em que vivemos, sincera abertura de espírito e solidariedade diante das aspirações, angústias e interrogações da nossa época”⁴. A encarnação de Jesus na história humana torna-se critério para a Igreja. Em vista de sua missão, ela também precisa encarnar-se na história. Sem conhecer a realidade do povo não é possível uma ação evangelizadora eficaz.

Jon Sobrino aponta como primeiro aspecto da espiritualidade cristã a “honestidade para com o real”⁵. No contexto em que vivemos e na fidelidade à prática de Jesus, não

3 CNBB, *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2011-2015*, n.17.

4 CNBB, *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2003-2006*, n.19.

5 Jon SOBRINO, *Espiritualidade de Jesus e Espiritualidade da Libertação*, *Reb*, vol. 39, fasc. 156, p.605.

há como conceber uma espiritualidade desenraizada da história. Isto se deve porque “o grande critério do Reinado de Deus é a atenção dada aos machucados, abandonados à beira da estrada (Lc 10,37)”. As palavras de Jesus, no Evangelho de Mateus, revelam que a espiritualidade do seu seguimento passa pela atenção aos mais necessitados: “Tive fome e me destes de comer. Tive sede e me destes de beber. Era forasteiro e me recolhestes. Estive nu e me vestistes, doente e me visitastes, preso e viestes ver-me. [...] Cada vez que o fizestes a um desses meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes” (Mt 25,35-40). Desta forma, o Evangelho faz ver que “sem abertura ao mundo, em especial ao pobre, não existe espiritualidade cristã”⁶.

Toda a ação evangelizadora ocorre num determinado tempo e local, com pessoas concretas, específicas. É, por isso, de fundamental importância conhecer o mais profundamente possível o contexto da ação evangelizadora. O contexto é o que existe, porém é lido e interpretado a partir do lugar social do intérprete. Assim, um mesmo contexto pode ser visto de maneiras diferentes. *Cada ponto de vista é a vista de um ponto!* Por isso, da leitura do contexto surge a realidade, que é a sua interpretação. A leitura detecta carências e potencialidades existentes que provocam o estabelecimento de metas e estratégias a serem trabalhadas pastoralmente. Portanto, o conhecimento do contexto apresenta-se como o ponto de partida de todo e qualquer processo de planejamento.

2 O planejamento da ação evangelizadora

Assim como o povo de Israel, escolhido por Deus “dentre todos os povos da terra” (Dt 7,6) para “ser luz às nações” e para anunciar a “salvação” de Deus a todos os povos (Is 49,6), também a Igreja tem a missão de evangelizar todos os povos

6 Pe. Nicolau João BAKKER, Modelos pastorais em tempos de pastoral “líquida”? *Reb*, vol. 75, n. 298, p.310.

(Mt 28,19-20; At 1,8) que, por sua vez, na sociedade ocidental, respiram hoje o “ar” do sistema capitalista globalizado. Significa dizer que a mentalidade e a cultura da sociedade moderna ou pós-moderna está “dentro” das pessoas, influenciando seu modo de pensar e de agir. Isto tem implicações diretas na ação evangelizadora.

Ao mesmo tempo, a sociedade do terceiro milênio não concebe mais uma ação evangelizadora espontaneísta, feita ao sabor de interesses pessoais. Por isso, além de qualificada, faz-se necessária uma ação organizada e planejada, pois o contexto atual o exige. São João Paulo II insistia na necessidade de uma ação evangelizadora com “novos métodos”, com “novo ardor” e com “nova expressão”. Desta forma, “o primeiro e mais importante passo para que uma ação, ou projeto pastoral, dê certo é o planejamento prévio. Sem planejamento, tudo fica mais difícil. É como se estivéssemos andando sem rumo, navegando sem direção, sem um porto ao qual chegar”⁷. Por sua vez, “a experiência do planejamento pastoral ensina que ele deve ser assumido mais como *pedagogia* do que como *técnica*”⁸, pois, como diz Agenor Brighenti, “na obra da evangelização, o método também é mensagem”⁹. Não é a quantidade de ações que garantem a eficiência do planejamento, mas como as ações são realizadas.

Segundo Oswaldo Alonso Rays, planejar “é antecipar e projetar de modo consciente, organizado e coerente todas as etapas de uma determinada atividade que visa alcançar certos objetivos que levam a transformações concretas do que se pretende realizar”¹⁰. Ao se tratar da ação evangelizadora, o

7 José Carlos PEREIRA, *Como fazer um planejamento pastoral, paroquial e diocesano*, p.9.

8 Ari Antônio dos REIS, *Teologia pastoral I: introdução, conjuntura eclesial e planejamento*, p.51.

9 Agenor BRIGHENTI, *A missão evangelizadora no contexto atual*, p.39.

planejamento visa a formação das pessoas em vista da participação no processo e de uma presença crítica e cristã tanto na Igreja quanto na sociedade. Por isso, o planejamento configura-se “não apenas como um ato pedagógico, mas também como um ato político”¹¹, pois suas intenções não são neutras. Constitui-se, portanto, num ato político-pedagógico e também evangelizador e humanizador. Por isso, segundo Agenor Brighenti, “não basta pensar a ação, planejar. Os opressores, o grande capital, o sistema financeiro ou a indústria bélica também o fazem. Mais importante é ‘como’ planejar. No campo eclesial, se não for de forma participativa, colegiada, comunitária, no espírito de *koinonia* que funda a Igreja, o planejamento presta um *des-serviço* ao Reino de Deus”¹².

Por sua vez, ao se tratar da organização pastoral, há em boa parte dos agentes e também do povo em geral uma falta de clareza em relação a alguns conceitos importantes, como é o caso de *planejamento, plano e projeto*. Entendemos que seria importante distinguir tais conceitos, se isto for possível, pois nas falas os mesmos aparecem de forma confusa. Por isso, diante do mundo em que vivemos e da importância da ação evangelizadora, propomos distinguir estes conceitos, aspectos estreitamente relacionados. Primeiramente trataremos da relação entre planejamento e plano e depois da relação entre plano e projeto.

2.1 Planejamento e plano da ação evangelizadora

Referindo-nos à ação evangelizadora estamos tratando da instituição Igreja, que é sacramento, sinal e instrumento do Reino de Deus. Saber o que é planejamento e plano pastoral é o primeiro passo para uma organização pastoral eficaz. Para Olga

10 Oswaldo Alonso RAYS, *Trabalho pedagógico: hipóteses de ação didática*, p.13.

11 *Ibidem*, p.13.

12 Agenor BRIGHENTI, *A pastoral dá o que pensar*, p.203.

Teixeira Damis, o planejamento é compreendido como “processo contínuo de organização racional”, no nosso caso, da ação evangelizadora, “que se refere à definição de objetivos, de recursos e de metas a serem alcançados e avaliados através de meios eficientes e eficazes, em prazos definidos”¹³. Portanto, “planejar é um processo permanente de tomada de decisões orientadas pelos objetivos que se busca alcançar e que levam a planejar”¹⁴. Por isso, a razão de ser do planejamento é orientar a ação. Neste sentido, “a pastoral como processo implica uma conversão contínua ao modo de ser e de agir de Jesus”¹⁵. Em termos de ação evangelizadora, “um bom resultado é sempre fruto de um processo” e, além disto, “o importante não é ter chegado ao fim, mas ter-se colocado a caminho. O fim está no caminho, no processo, que nunca termina”¹⁶.

Segundo Rene Zanandréa e Rodinei Balbinot, pode-se compreender o planejamento em duas dimensões: aquele realizado em vista da instituição e aquele em vista da missão. O planejamento em vista da instituição está vinculado à sua sobrevivência, tendo por finalidade manter a instituição viva e atuante na sociedade, ou seja, conservar a estrutura. Neste caso, “os papéis institucionais encontram uma justificação em si mesmos, pois o critério fundamental é a própria instituição”¹⁷.

Por sua vez, o planejamento pode ser concebido de outra forma. Como sabemos, as instituições não nasceram em vista de si mesmas, mas para atender necessidades concretas das pessoas

13 Olga Teixeira DAMIS, Planejamento escolar: expressão técnico-política de sociedade, in ALENCASTRO VEIGA, Ilma Passos (Org.). *Didática: o ensino e suas relações*, p.172.

14 Ari Antônio dos REIS, *Teologia pastoral I: introdução, conjuntura eclesial e planejamento*, p.52.

15 Agenor BRIGHENTI, *A pastoral dá o que pensar*, p.196.

16 *Ibidem*, p.206.

17 Rene ZANANDRÉA e Rodinei BALBINOT, Prática pastoral e fazer teológico na perspectiva histórico-evangelizadora, in Ari dos REIS et al. *Metodologia da ação evangelizadora*, p.56.

e da sociedade em geral. Nesta perspectiva, entendemos que a instituição Igreja tem uma missão para além de si mesma, estando a serviço de uma causa maior, o Reino de Deus, missão de Jesus, como expressou Paulo VI (EN 14). Neste sentido, tornou-se muito conhecida a expressão do Papa Francisco querendo ver a Igreja “em saída missionária”¹⁸. Se, no caso anterior, a intenção primeira é a defesa e a manutenção da instituição, neste, a questão mais importante é a vida das pessoas em suas necessidades. Daí a importância de ler atentamente o contexto de atuação para bem identificar o que é necessário priorizar.

Nesta perspectiva, “o ponto de partida de um processo de planejamento são as necessidades reais das pessoas e comunidades onde atuamos”¹⁹. Em termos eclesiais, o planejamento parte da leitura e compreensão do lugar ou da comunidade onde as pessoas envolvidas se encontram e de suas necessidades, levando em conta as finalidades e objetivos pastorais. Portanto, o planejamento é um processo que deve ocorrer permanentemente, pois a sociedade muda constantemente, e ser realizado participativamente, pois envolve um conjunto de pessoas em relação. A participação no processo de planejamento faz cada envolvido “desenvolver mais facilmente seu papel transformador, pois, à medida que discutem, as pessoas refletem, questionam, conscientizam-se de problemas coletivos e decidem-se por se engajar na luta pela melhoria de suas condições de vida”²⁰. O planejamento participativo procura integrar a comunidade eclesial e os agentes de pastoral com o contexto social numa perspectiva transformadora, como desafia o Evangelho. Por isso, podemos dizer que “a essência do planejamento é a participação”²¹.

18 FRANCISCO, *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*, n.20.

19 Elli BENINCÁ e Rodinei BALBINOT, *Metodologia pastoral*, p.48.

20 Antonia Osima LOPES, Planejamento do ensino numa perspectiva crítica de educação, in LOPES, Antonia Osima (Org.). *Repensando a didática*, p.45-46.

Planejamento compreendido como processo “não é algo pronto, realizado ou estagnado”. É construção contínua, mostrando “a dinamicidade da vida pastoral”²².

O planejamento, enquanto processo permanente de avaliação e (re)construção da ação evangelizadora, implica em fazer a “opção por uma postura teológico-pastoral no processo de evangelização”. Por isso, ele “não tem prazo, visto ser um processo e uma opção epistemológica. Em linguagem estritamente teológica, diríamos que o planejamento é a espiritualidade ou a mística da evangelização. Optar por uma determinada forma de planejar é optar, desde logo, por uma postura teológico-pastoral”²³.

A “honestidade para com o real”, como expressa Jon Sobrino, implica numa postura de permanente (re)leitura do contexto, que exige constantemente novas práticas. “Enquanto se está buscando pôr em prática certas ações, outras ações ou metas estão sendo planejadas [e/ou (re)planejadas]. É essa a dinâmica pastoral e missionária da Igreja”²⁴. Sem conhecer o contexto corre-se o risco de se dar respostas a perguntas que não foram formuladas. Ao desencadear um processo de planejamento é importante ter presente que “o melhor ponto de partida é sempre aquele onde nos encontramos. Trata-se de colocar os pés no chão. Se ignoramos a realidade, não evangelizamos”²⁵. Para responder aos desafios da atualidade, o planejamento deve partir da realidade. “A questão crucial para a

21 Ari Antônio dos REIS, *Teologia pastoral I: introdução, conjuntura eclesial e planejamento*, p.54.

22 José Carlos PEREIRA, *Como fazer um planejamento pastoral, paroquial e diocesano*, p.9.

23 Rene ZANANDRÉA e Rodinei BALBINOT, *Prática pastoral e fazer teológico na perspectiva histórico-evangelizadora*, in Ari dos REIS et al. *Metodologia da ação evangelizadora*, p.58.

24 José Carlos PEREIRA, *Como fazer um planejamento pastoral, paroquial e diocesano*, p.15.

25 CNBB, *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora do Brasil 2011-2015*, n.127.

Igreja, hoje, não é simplesmente se situar dentro do mundo, mas saber dentro de que mundo: do mundo dos 20% de privilegiados ou da maioria excluída? E, a partir do mundo que a Igreja deve estar, que projeto defender ou apoiar para um mundo de todos e não de alguns?”²⁶.

Resumidamente, pode-se dizer que o planejamento refere-se, por um lado, “à opção teológico-pastoral dos agentes (ao modo de ser) e, de outro, ao processo de observação, registro, sessão de estudos e reencaminhamento, através do qual se reflete sobre a realidade em confronto com a Palavra de Deus e a Tradição e se tomam as decisões acerca das necessidades prioritárias a serem enfrentadas na ação evangelizadora (modo de agir)”²⁷. Assim, planejamento é serviço, é ação, é processo que implica em método e tem por meta a construção do plano de pastoral. O planejamento indica o caminho, “é o elemento norteador das ações pastorais”²⁸, ajuda “o agente de pastoral a ter fé na vitória”, visa a “eficácia da ação pastoral, pois planejar é intervir na realidade e dar frutos do Reino (Jo 15,4)”²⁹.

Por sua vez, há de se ter presente a questão da resistência à mudança. Em termos pastorais, muitos planos não são assumidos e postos em prática. A questão é que “nem sempre a necessidade de mudança é reconhecida ou aceita pelas pessoas”³⁰. Isto se deve porque “toda mudança gera resistência e, em geral, os indivíduos sentem medo de novidades, do que é novo, do desconhecido, ainda mais quando a percepção da

26 Agenor BRIGHENTI, *A missão evangelizadora no contexto atual*, p.34.

27 Rene ZANANDRÉA e Rodinei BALBINOT, *Prática pastoral e fazer teológico na perspectiva histórico-evangelizadora*, in REIS, Ari dos et al. *Metodologia da ação evangelizadora*, p.60.

28 José Carlos PEREIRA, *Como fazer um planejamento pastoral, paroquial e diocesano*, p.12.

29 Ari Antônio dos REIS, *Teologia pastoral I: introdução, conjuntura eclesial e planejamento*, p.53.

30 William BARBOSA VIANNA, *Planejamento pastoral: participativo ou estratégico?* REB 68, fasc. 270, p.468.

mudança vem acompanhada de um sentimento de ameaça para as situações nas quais a pessoa se sente segura”³¹. Além do medo do novo, a resistência pode também ocorrer quando a pessoa não participa do processo de construção do plano ou dos projetos. Não participando, não se sente responsável por ele.

O plano, por sua vez, “é a organização das ações para um determinado tempo. É uma leitura objetivada e temporária das conclusões a que se chegou através do processo de planejamento”³². O plano de pastoral é, portanto, parte necessária do processo de planejamento, sendo “o resultado do planejamento”³³. Por isso, sem a efetiva participação das pessoas envolvidas, no caso da ação evangelizadora as lideranças ou a própria comunidade eclesial, “o plano poderá significar uma norma rígida que se impõe dogmaticamente ou mais um documento de prateleira”³⁴. Assim, sem a participação no processo de elaboração, as pessoas não se sentem sujeitos e nem responsáveis pela efetivação do plano. Segundo Agenor Brighenti, “todos, desde sua condição e situação, têm o direito de fazer parte do processo de tomada de decisões. [...] quem não tem o direito de participar do processo de tomada de decisão não tem nenhuma obrigação de participar da sua execução”³⁵. O plano apresenta-se como a referência que orienta as ações a serem realizadas.

2.2 Plano e projeto pastoral

31 *Ibidem*, p.462.

32 Rene ZANANDRÉA e Rodinei BALBINOT, Prática pastoral e fazer teológico na perspectiva histórico-evangelizadora, in Ari dos REIS et al. *Metodologia da ação evangelizadora*, p.59.

33 José Carlos PEREIRA, *Como fazer um planejamento pastoral, paroquial e diocesano*, p.27.

34 Rene ZANANDRÉA e Rodinei BALBINOT, Prática pastoral e fazer teológico na perspectiva histórico-evangelizadora, in Ari dos REIS et al. *Metodologia da ação evangelizadora*, p.59.

35 Agenor BRIGHENTI, *A pastoral dá o que pensar*, p.205.

Se o primeiro passo foi distinguir planejamento de plano, agora analisaremos a relação entre plano e projeto. Para compreender essa relação, recorreremos aos textos referentes à criação (Gn 1-2). Em primeiro lugar, devemos ter presente que estes capítulos iniciais da Sagrada Escritura não são reportagens dos fatos da criação. São textos que fazem teologia e não historiografia. Além disto, são textos sagrados que analisam o momento presente de suas origens e, tendo em vista as necessidades das pessoas envolvidas, apresentam perspectivas de futuro. Colocados como capítulos iniciais da Sagrada Escritura, os relatos da criação fazem o seu primeiro grande anúncio, que chamamos de *plano de Deus*.

Ao abrirmos a Sagrada Escritura, os relatos da criação mostram que o ser humano, feito do “pó da terra”, portador do “sopro vital” de Deus (Gn 2,7) e elevado à dignidade de “imagem e semelhança” de Deus (Gn 1,26-27) é o centro das atenções de Deus. Isto o diferencia de todos os demais seres da criação. Por isso, ele recebeu a incumbência de “cultivar e guardar” o Jardim em Éden (Gn 2,15), uma responsabilidade para com toda a criação.

Os relatos da criação (Gn 1 e 2) fazem ver que o ser humano está aberto a três grandes dimensões. Por um lado, ele é parte da natureza e somente viverá se mantiver uma relação harmônica com ela. Por outro, ele é feito homem e mulher e sua vida está aberta à relação que estabelece com os demais seres humanos. Por ser portador do sopro vital de Deus (Gn 2,7), sua vida está aberta à transcendência. Por isso, a pessoa humana não se encontra e não se realiza plenamente fora destas dimensões. Cada dimensão contempla um aspecto essencial de sua vida e missão. Por isso, para a Sagrada Escritura, a vida humana é um dom sagrado, entregue à responsabilidade de cada pessoa humana e da coletividade. Nada tem valor maior do que a pessoa humana.

Desta forma, entendemos que os relatos da criação são portadores do *plano de Deus*, que se apresenta como a referência básica, iluminadora e orientadora dos projetos históricos. Assim, os projetos históricos devem contemplar em seus processos aquilo que a Sagrada Escritura diz em relação à pessoa humana: seu valor é incomparável. Por isso, ela nunca deve ser coisificada e explorada ou usada como meio em vista de qualquer finalidade³⁶.

Os relatos da criação fazem ver que o plano em relação ao projeto é mais amplo. O plano orienta por onde devem andar os projetos, ou seja, as ações concretas, realizadas na base, que efetivam o plano. O plano indica aquilo que é essencial, o que os projetos devem defender e a mística que inspira tais ações. Em termos bíblicos, para dar um exemplo, o projeto histórico do Êxodo buscou concretizar o plano de Deus no contexto da escravidão egípcia e os profetas o resgataram para dentro do contexto monárquico.

O projeto é uma ação concreta, localizada, que procura efetivar o plano naquele contexto específico, por exemplo: se o plano indica para priorizar a família, há de se criar ações concretas em vista da evangelização da família; se o plano indica para a necessidade de formação, há de se organizá-la concretamente, conforme a necessidade. Olhando para nossas Dioceses, os Planos Diocesanos da Ação Evangelizadora, à luz de um objetivo geral, orientam as práticas pastorais concretas a serem desenvolvidas localmente, nas Paróquias, nas Comunidades ou nas Pastorais específicas, dando-lhes uma direção. Todas elas encontram no objetivo do plano uma unidade e uma finalidade, efetivando-o.

36 Jair CARLESSO, *A obra da criação como caminho teológico-pastoral*, p.85-86.

2.3 Avaliação do processo

A avaliação é parte constitutiva da ação evangelizadora. O método participativo requer um processo permanente de avaliação, como parte integrante do planejamento pastoral. Quem não se avalia incorre em repetir os erros do passado. O próprio Jesus de Nazaré avaliava com os Doze o processo realizado: “Ao voltarem, os apóstolos contaram a Jesus quanto haviam feito. Ele tomou-os consigo e retirou-se, à parte, para uma cidade chamada Betsaida” (Lc 9,10). Em certas ocasiões, tomava os líderes do grupo dos Doze e se retirava a sós com eles para resolver os conflitos e rezar a caminhada (Mt 17,1-8; Mc 9,2-8; Lc 9,28-36) e os reencaminhava para a missão (Lc 10,1ss).

Avaliar é “olhar a caminhada feita, procurando não perder a história construída e, acima de tudo, é olhar as perspectivas de futuro. É refletir sobre o processo em andamento e ver em que é preciso ainda crescer. É sentir as conquistas que estão sendo feitas, valorizando o esforço individual e coletivo, para animar a caminhada. Avaliar é também mergulhar nos fracassos, nas omissões, nos erros para compreender o que gerou as derrotas. ‘A avaliação se constitui num momento necessário para o crescimento pessoal e comunitário’. No ato avaliativo, aparecem os acertos e as falhas e reacende-se o desejo de retomar o processo, de corrigir os erros, de inovar, de transcender”³⁷.

A finalidade da avaliação é revigorar, redirecionar, dar novo ânimo à ação. Por isso, segundo William B. Vianna, faz-se necessário “desenvolver uma cultura de permanente avaliação como necessidade inerente ao processo de planejamento” da ação evangelizadora. Ao mesmo tempo, todo planejamento deve ser encarado “como um processo de aprendizagem. Assim, quando os objetivos estabelecidos não são atingidos, não é necessário justificar os erros, e sim, analisar suas causas e

37 DIOCESE DE EREXIM, *Plano pedagógico – a formação presbiteral*, p.12.

aprender com eles”³⁸.

Considerações finais

Na perspectiva do Concílio Vaticano II, segundo Agenor Brighenti, “urge para nosso tempo uma Igreja-sinal, e não força e poder; uma Igreja testemunhal, para que o Evangelho seja credível; uma Igreja que renuncie à tentação de disputa do mercado religioso e aceite ser minoria ou resto, se preciso for, para não perder sua vocação profética. [...] o contexto atual exige que a Igreja se coloque dentro do mundo dos excluídos, sendo solidária com eles [...]. Nosso contexto exige o testemunho de uma Igreja que, além do sujeito social, assuma também o lugar social dos pobres”³⁹.

A presença e missão evangelizadora da Igreja na sociedade implica:

- num processo contínuo de *planejamento*: este é uma mística, um modo de ser e de fazer acontecer as ações, que perpassa e está presente em todo o processo da ação evangelizadora; revela uma compreensão teórica e uma prática;

- na elaboração de *planos*: o plano decorre do planejamento e está voltado para a sua realização; ele aponta aquilo que é essencial e que deve perpassar transversalmente em todas as ações concretas; indica o todo e o rumo a ser seguido num determinado tempo e local;

- na efetivação de *projetos*: é aquilo que concretamente é realizado; por isso, é localizado objetivamente e determinado; cada projeto atem-se normalmente a um aspecto, funcionando como uma espécie de recorte.

Assim, planejamento, plano e projeto são conceitos distintos, mas intimamente relacionados um ao outro. Não dá para

38 William BARBOSA VIANNA, Planejamento pastoral: participativo ou estratégico? *REB* 68, fasc. 270, p.470-471.

39 Agenor BRIGHENTI, *A missão evangelizadora no contexto atual*, p.44.

conceber um sem o outro. No caso da ação evangelizadora, eles têm a ver com um modo de conceber a Igreja e sua missão na sociedade. Quando bem desenvolvidos, garantem uma presença e uma caminhada mais viva da Igreja. Finalizando esta reflexão, lembremos do apelo que faz o Papa Francisco: “Convido todos a serem ousados e criativos nesta tarefa de repensar os objetivos, as estruturas, o estilo e os métodos evangelizadores [...]. Importante é não caminhar sozinho”⁴⁰.

Referências bibliográficas

BAKKER, Nicolau João. Modelos pastorais em tempos de pastoral “líquida”? *REB*, vol. 75, n. 298, Petrópolis: Vozes, p.303-324, 2015.

BARBOSA VIANNA, William. Planejamento pastoral: participativo ou estratégico? *REB*, vol. 68, fasc. 270, Petrópolis: Vozes, p.458-472, 2008.

BENINCÁ, Elli e BALBINOT, Rodinei. *Metodologia pastoral: mística do discípulo missionário*. São Paulo: Paulinas, 2009.

BRIGHENTI, Agenor. *A missão evangelizadora no contexto atual: realidade e desafios a partir da América Latina*. São Paulo: Paulinas, 2006 («Coleção Sinais dos Tempos»).

_____. *A pastoral dá o que pensar: a inteligência da prática transformadora da fé*. São Paulo: Paulinas, 2006 («Livros Básicos de Teologia», 15 – Teologia Pastoral).

_____. Modelos de pastoral e eclesiológicos, em torno à renovação do Vaticano II. *REB*, vol. 75, n. 298, Petrópolis: Vozes, p.280-302, 2015.

CARLESSO, Jair. *A obra da criação como caminho teológico-pastoral: uma leitura de Gn 1,1-2,4a*. Passo Fundo: Itepa, 2009 (Monografia, Pós-Graduação em Metodologia Pastoral).

CNBB, *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2003-2006*. 3. ed., São Paulo: Paulinas, 2003 («Documentos da CNBB», 71).

_____, *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2011-2015*. 2. ed., Brasília: Ed. CNBB, 2011 («Documentos da CNBB», 94).

DAMIS, Olga Teixeira. Planejamento escolar: expressão técnico-política de sociedade. In ALENCASTRO VEIGA, Ilma Passos (Org.). *Didática: o ensino e suas relações*. 8. ed., Campinas: Papirus, 1996 («Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico»), p.171-183.

⁴⁰ Papa FRANCISCO, *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*, n.33.

DIOCESE DE EREXIM. *Plano pedagógico – a formação presbiteral*. 2004.

FRANCISCO PAPA. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium do Sumo Pontífice ao episcopado, ao clero, às pessoas consagradas e aos fiéis leigos sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. São Paulo: Paulus, Loyola, 2013.

LOPES, Antonia Osima. Planejamento do ensino numa perspectiva crítica de educação, in LOPES, Antonia Osima (Org.). *Repensando a didática*. 14. ed., Campinas: Papirus, 1999, p. 41-52.

PAULO VI, PAPA. *Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1981.

PEREIRA, José Carlos. *Como fazer um planejamento pastoral, paroquial e diocesano*. São Paulo: Paulus, 2015 («Coleção Organização Paroquial»).

RAYS, Oswaldo Alonso. *Trabalho pedagógico: hipóteses de ação didática*. Santa Maria: Pallotti, 2000.

REIS, Ari Antônio dos et al. *Metodologia da ação evangelizadora: uma experiência no fazer teológico-pastoral*. Passo Fundo: Berthier, 2008.

REIS, Ari Antônio dos. *Teologia pastoral I: introdução, conjuntura eclesial e planejamento*. Batatais: Ação Educacional Claretiana, 2008.

SOBRINO, Jon. Espiritualidade de Jesus e Espiritualidade da Libertação – Estruturas fundamentais, *REB*, vol. 39, n.156, Petrópolis: Vozes, p.604-615, 1979.